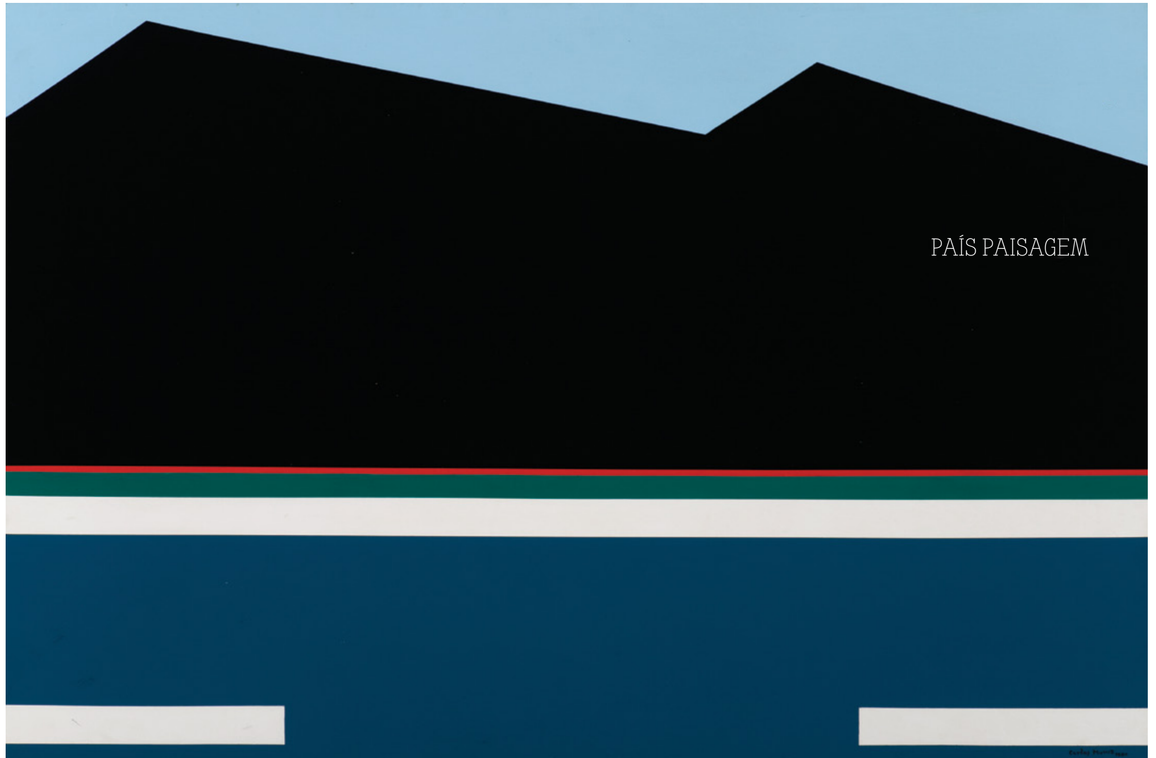


Carlos Muniz
Pista V: serra | 1980
Acrílica sobre madeira

PAÍS PAISAGEM

Uma expedição pelo Brasil através do acervo do Museu de Arte da Pampulha

Projeto Museu Andante
19 de maio a 21 de agosto de 2011
Centro Cultural Usiminas, Ipatinga

As obras apresentadas nessa exposição fazem parte do acervo do Museu de Arte da Pampulha. O MAP situa-se em Belo Horizonte num edifício projetado por Oscar Niemeyer na década de 1940 para ser o Cassino da Pampulha. Com a proibição do jogo no Brasil em 1946, o belo exemplar da arquitetura moderna volta à cena 11 anos depois, como museu de arte. O MAP é responsável por uma coleção iniciada quando da sua fundação e que hoje conta com mais de 1.300 obras.

O projeto Museu Andante busca levar, periodicamente, partes selecionadas do acervo para fora do espaço do Museu, tornando acessível e aberta à visitação uma coleção que abarca várias décadas da produção artística brasileira. O museu andante carrega consigo a proposta de um ponto de vista curatorial, que seleciona dentro da coleção o grupo de obras a ser exposto e o seu percurso, bem como a criação transposta de uma nova porta de entrada para o Museu, multiplicando o seu espaço-tempo, desta vez, na cidade de Ipatinga.

Museu de Arte da Pampulha

A arte é um desejo de ser, a possibilidade de uma nova visão e, até mesmo, a transformação do comum em novidade. A arte pode ser entendida individualmente, mas é um instrumento de mudança coletiva, capaz de contribuir para a formação sociocultural do cidadão. E é por isso que a Usiminas investe e se orgulha da parceria com o Museu de Arte da Pampulha de Belo Horizonte (MAP), firmada por meio do Instituto Cultural Usiminas, e que trouxe à Ipatinga grandes nomes das artes visuais com obras de grande valor cultural.

Com 18 anos de atuação o Instituto Cultural Usiminas vem construindo uma história sólida e transparente, através de diretrizes que fomentam a inclusão, formação e o desenvolvimento do cidadão. Sempre com o apoio do Instituto e por meio das Leis de Incentivo à Cultura – e desde 2007 com o apoio da Lei Federal de Incentivo ao Esporte – a Usiminas já patrocinou mais de 1.700 projetos em cerca de 50 municípios do Brasil.

Assim como o aço se transforma em eletrodomésticos, casas, carros e pontes, a Usiminas e o Instituto Cultural Usiminas acreditam que ações como a do projeto Museu Andante – criado pelo MAP – são capazes de transformar e facilitar a democratização e o acesso à arte e à cultura do país. Assim é a Usiminas. Presente no aço que você toca e na arte que você sente.

Instituto Cultural Usiminas

PAÍS PAISAGEM

Renata Marquez

Natureza e paisagem não são a mesma coisa. A correspondência entre essas duas palavras é usualmente aplicada porque são esquecidos os particulares processos históricos da constituição de cada modo de olhar. Sabemos que a transformação da natureza em paisagem é uma operação feita pela cultura. John Berger, reconhecido por Edward Soja como o mais espacialmente visionário dos historiadores da arte (Soja arrisca a chamá-lo de geógrafo da arte), escreveu a seguinte frase: "Toda imagem encarna um modo de ver". O que sabemos ou acreditamos constitui o nosso modo de ver. Segundo ele, quando vemos uma paisagem nos situamos nela. A paisagem é fruto de um olhar refém de um longo aprendizado; não uma exterioridade, mas produto de uma seletiva interioridade.

A exposição *País Paisagem*, composta por obras do acervo do Museu de Arte da Pampulha, investiga as artes visuais como o mediador cultural no processo de transformação da natureza em imagem ou do país em paisagem. A articulação país/paisagem foi proposta pelo filósofo francês Alain Roger, segundo o qual a transformação de um país em paisagem supõe sempre uma metamorfose, uma metafísica, entendida no sentido dinâmico. Por país ele entende o espaço instrumental da natureza, o espaço produtivo do trabalho, utilizando como exemplo a natureza para o camponês, em contraposição à paisagem, que pressupõe uma interpretação estética e uma mudança de apreensão e de modos de ver e de usar – *land/landscape, land/landschaft, pays/paysage, país/paisaje, paese/paesaggio, topos/topio*. Para Roger, a paisagem está sempre construída e informada pela cultura e, assim, nunca é *natural* e sim *sobrenatural*.

As obras expostas materializam – em pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia e audiovisual – a metamorfose e a metafísica da paisagem; elas atuam como exemplares das dinâmicas de transformação do nosso país em paisagem, são objetos culturais frutos das relações humanas de intervenção e criação de sentido no território. Revelam-se capazes de devolver ao mundo outras visões/versões/invenções possíveis da realidade, compartilhando saliências, margens, invisibilidades, esquecimentos e outras belezas da paisagem brasileira.

Quando a interpretação utilitária ou econômica do país cede lugar à sua abordagem sensível e à atenção aos seus desdobramentos políticos, sociais e estéticos, os filtros da arte atuam na transposição do país/paisagem e na constituição dos seus valores imateriais. Nessa operação, a paisagem pode vir a resultar tão inesperada e desmesurada quanto aquelas das *terrae incognitae* retratadas pelos exploradores do século XVIII em visita ao Novo Mundo.

A imagem abdica das representações corriqueiras dos lugares conhecidos para exibir novas propostas de percepção e de compreensão desses mesmos lugares, justamente quando se pensava que já se tinha tudo esquadrinhado por insaciáveis satélites. Assim, explicitam-se imageticamente discursos sobre a paisagem que se dão no momento de contato com as obras expostas, mas cuja experiência é transportável para fora dali, para um novo cotidiano crítico que não mais se encaixa com facilidade nos cartões-postais à venda nas lojas de souvenires.

João Baptista
Rochedo Iluminado | s.d.
Óleo sobre tela

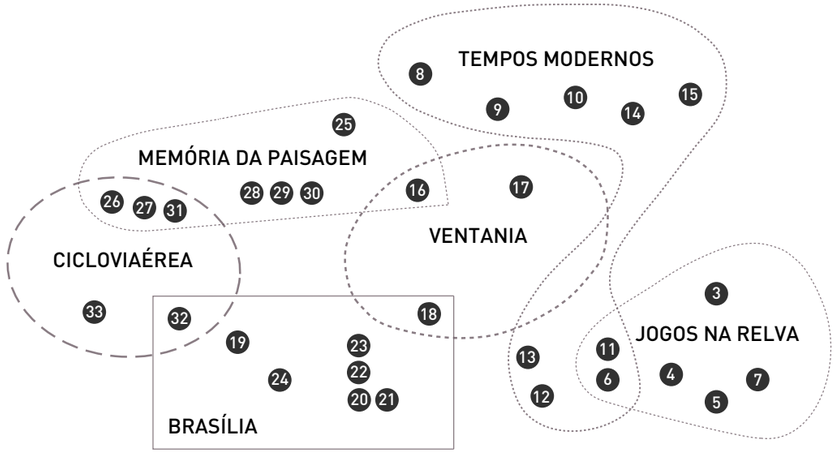
PREÂMBULO

Com liberdade para escolher o tema da sua pintura, os artistas europeus do século XVIII deram força ao gênero da pintura paisagística. "Até então, ela tinha sido considerada um ramo secundário da arte. Os pintores, em particular, que ganhavam a vida pintando 'vistas' de casas de campo, jardins ou cenários pitorescos, não eram seriamente tidos por artistas", como escreveu o historiador Ernst Gombrich. Uma natureza romântica aparece nas pinturas paisagísticas da época.

É bem conhecida a comparação entre William Turner e John Constable: "Em Turner, a natureza reflete e expressa sempre as emoções do homem. Sentimo-nos pequenos e esmagados em face de poderes que não podemos controlar e somos compelidos a admirar o artista que tinha as forças da natureza sob seu domínio". Já Constable, que se denominava *pintor natural* em contraposição à bravura de desafiar o que os olhos viam, "queria tão-somente a verdade". Esses filtros artísticos dão à paisagem, de uma maneira ou de outra, o seu caráter sobrenatural, a sua metamorfose em imaginário sublime ou pitoresco.

Em 1894 o artista brasileiro João Baptista da Costa (1865-1926) recebeu o Prêmio de Viagem de Estudos à Europa e pintou, durante a sua estada fora do Brasil, uma vista dos rochedos em Capri, Itália. Trata-se de uma paisagem pitoresca, herdeira da escola naturalista europeia, sem se comprometer com as livres investidas pictóricas dos impressionistas. Nas últimas décadas do século XIX, sabe-se que a pintura de paisagem funcionava como campo de experimentação pós-fotográfica para novas formas de visualidade artística. *Rochedo Iluminado* conduz a um breve preâmbulo da mostra *País Paisagem*. É o ponto de partida histórico e acadêmico para percorrer as dinâmicas de mutação do gênero paisagístico na segunda metade do século XX e no início do século XXI no Brasil.

BRASIL



Mapa de territórios

Roberto De Lamonica 3
Maria Leontina 4
Arcangelo Ianelli 5
Márcio Sampaio 6
Alberto da Veiga Guignard 7
Di Cavalcanti 8
Décio Noviello 9
Lotus Lobo 10
Luciano Lorenzato 11
João Calixto 12 13
Carlos Muniz 14
Não identificado 15
Pedro Pinkalsky 16
Ione Saldanha 17
Conceição Santeira 18
Cildo Meireles 19
Roberto Burle Marx 20 21 22
Mary Vieira 23
Jonas 24
Frederico Morais 25
Manfredo Souzanetto 26 27
Roberto Bethônico 28 29 30
Cao Guimarães 31
André Burian 32
Jarbas Lopes 33

Ao buscarmos discursos visuais acerca do imaginário paisagístico brasileiro nas obras do acervo do Museu de Arte da Pampulha, podemos vislumbrar as divagações históricas do olhar e do pensamento ao longo da formação da coleção, bem como a convivência em diálogo, na construção desse imaginário, entre cultura erudita, através de importantes artistas, e cultura popular, com a presença de autores muitas vezes anônimos, paralelos à história oficial e ao sistema da arte.

A exposição compreende – após a visita ao preâmbulo resgatado do século XIX – obras produzidas no período de 1954 a 2008, percorrendo contextos e vestígios do plano desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, da comunicação de massa de Assis Chateaubriand, da inauguração de Brasília, do chamado milagre econômico,da crise ambiental mundial, da expansão da arte para as ruas da cidade, da obsolescência programada e das práticas de ocupação informal e outros modos de apropriação urbana.

Oferece-se uma expedição compacta pelo Brasil através da proposição de seis territórios sugeridos por seis títulos de obras dentre as que estão expostas. Os territórios são os seguintes: *Jogos na Relva; Tempos Modernos; Ventania; Brasília; Memória da Paisagem;* e *Cicloviaérea*. Os territórios foram formados a partir da estratégia curatorial de apropriação dos títulos para transformá-los em conceitos operativos capazes de aglutinar em torno deles as demais obras expostas. Algumas obras, como se pode ver no mapa de territórios, pertencem a dois territórios ao mesmo tempo, criando pontos de interseção nas fronteiras. Desenhou-se, assim, um mapa sugerido de percurso, uma espécie de manual de navegação para essa expedição.

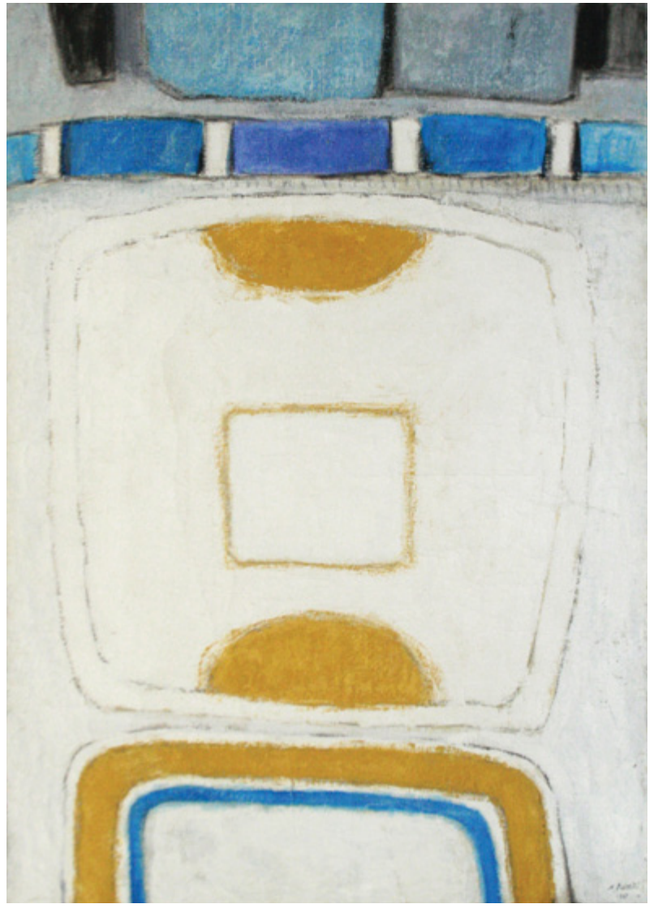
Márcio Sampaio
Jeux sur L´Herbe (Jogos na Relva)
(da série Galeria Antropofágica) | 1978
Acrílica sobre tela aderida em Duratex

Território 1:
JOGOS NA RELVA

Alberto da Veiga Guignard
Arcangelo Ianelli
Márcio Sampaio
Maria Leontina
Roberto De Lamonica

Nesse território, a ideia de paisagem refere-se diretamente à natureza, mas se trata de uma natureza domesticada, cuja escala pressupõe a atividade cultural humana. Em vez de palco para o desequilíbrio de forças homem/natureza, a relva é o tabuleiro montado de relações ou a plataforma aberta de ocupação que permite o jogo entre o real e os seus significados. O povoamento do espaço natural e a interferência cultural que nele se vê – festas populares, viadutos, futebol de várzea, jardim caseiro e práticas antropofágicas – é aquilo que redefine o gênero da paisagem não mais como entidade abstrata e distante, mas como experiência da cultura brasileira.

Alberto da Veiga Guignard
Noite de São João | 1961
Óleo sobre tela



Arcangelo Ianelli
Sem Título | 1967
Óleo sobre tela

Roberto De Lamonica
O Jardim | 1955
Gravura em metal sobre papel

Maria Leontina
Pintura | 1965
Óleo sobre tela

Luciano Lorenzato
Sem Título | s.d.
Cimento e tinta guache

Território 2:
TEMPOS MODERNOS

Autor não identificado
Carlos Muniz
Décio Noviello
Di Cavalcanti
João Calixto
Lotus Lobo
Luciano Lorenzato

Os tempos modernos importados dos países do Norte trazem a mecanização, a sociedade do consumo, a produção em série e a experiência do anonimato na multidão. Esse é o espaço vivido para ações visuais de captura, reedição, apropriação e resistência. Os tempos modernos brasileiros incluem figuras da cultura popular, imprimem no concreto o imaginário das pequenas paisagens cotidianas e enxergam na cultura de massa possíveis riquezas imagéticas. As linhas retas da nova cidade e o predomínio crescente da circulação de veículos em velocidade exigem nova percepção estética e geram paisagens vetores da mobilidade.

Décio Noviello
Pintura 3 | 1969
Tinta automotiva sobre madeira

Lotus Lobo
Sem Título
(da série Impressões Litográficas) | 1969
Litografia sobre vinil

Di Cavalcanti
Tempos Modernos | 1961
Óleo sobre tela

Não Identificado
Sem Título | 1995
Borracha pintada

João Calixto
EMURB - Zona Azul | 1975
Óleo sobre tela

João Calixto
Paisagem com Começo de Viaduto | 1976
Óleo sobre tela

Pedro Pinkalsky
Ventania | s.d.
Pedra sabão

Território 3:
VENTANIA

Conceição Santeira
Ione Saldanha
Pedro Pinkalsky

Como ocorre com os ventos, esse território é breve e fugaz. Trata-se de um momento que atiça uma impressão, que desarruma objetos, que inunda espaços. Ficam os vestígios das corporeidades dos ventos, lembranças da qualidade tátil da paisagem. Os objetos expostos nesse território sobrepõem, num mesmo corpo-síntese, natureza e cultura: seja na mobilidade sonora imaginada dos bambus, seja na enganosa permanência das pedras que se deixam esculpir ou ainda na acessibilidade da madeira que multiplica a ventania geográfica das ideias visionárias de Juscelino Kubitschek nas feiras populares.

Conceição Santeira
Cabeça de JK | s.d.
Madeira

Ione Saldanha
Bambus | 1977
Bambus e madeira policromados

Cildo Meireles
Brasília | 1978
Pastel sobre papel

Território 4:
BRASÍLIA

Cildo Meireles
Jonas
Mary Vieira
Roberto Burle Marx

No pôster de Mary Vieira, *brasilien baut* quer dizer "o Brasil constrói" – e exibe os seus projetos de arquitetura moderna em 1954, em Zurique, três anos antes do início da construção do plano piloto de Brasília. A utopia da paisagem cartão-postal tem sua máxima configuração com Brasília, "meta-síntese" do "plano de metas" de JK. O planejamento urbano moderno desenha e organiza cada centímetro da capital ideal, tendo Burle Marx como o artista-paisagista do eixo monumental. Os emblemas da modernidade arquitetônica ressurgem no imaginário popular em todos os cantos do Brasil. As lameiras de caminhão testemunham o desejo de desbravamento de motoristas-expedicionários que percorrem as rodovias do país. Enquanto isso, o plano piloto contrasta com a cidade vivida para além dele, nas cidades satélites que abrigam 2 milhões de pessoas.

Roberto Burle Marx

Desenho III | 1972
Nanquim sobre papel

Desenho I | 1972
Nanquim e aguada sobre papel

Paisagismo | 1973
Nanquim sobre papel

Jonas
Lameira de Caminhão | 1996
Borracha pintada

Mary Vieira
Brasilien Baut | 1954
Impressão *offset* sobre papel

Frederico Morais
Memória da Paisagem
(da série A Nova Crítica) | 1970
81 Diapositivos em cores

Território 5:
MEMÓRIA DA PAISAGEM

Frederico Morais
Manfredo Souzanetto
Roberto Bethônico

Nesse território, a paisagem é o instrumento daquilo que o crítico-criador Frederico Morais chamou de "arqueologia do urbano". O real banal dos canteiros de obra da cidade é posto a operar lado a lado ao artístico poético das esculturas no Museu, numa coleção heterogênea de imagens que conformam uma paisagem obrigatoriamente fragmentada, na qual são sugeridas costuras e conexões. "Pois, na cidade, a paisagem é precária, movediça, está sempre em modificação", escreveu Morais. O tradicional monumento se foi ou revelou-se inútil depositário de temporalidades fugidias, falsas coletividades e especulação imobiliária. O comentário (audio)visual, capaz de captar o cotidiano e congelar um instante que inevitavelmente já passou, é a negação do monumento, o anticartão-postal.

Se o cartão-postal monumentaliza o lugar e é guardado em casa como memória de ter estado ali, um díptico-postal propõe a problemática do manuseio da concentração de tempo entre situações: o tempo das "serras outrora intactas e hoje dilapidadas pelas empresas mineradoras ou ocupadas pela indústria imobiliária", como explicou Manfredo Souzanetto.

Manfredo Souzanetto
Olhe Bem as Montanhas/O Lugar da Ausência
(da série Réquiem para a Serra do Curral) | 1981
Cartão postal impresso a partir de fotolito

Roberto Bethônico
Sem Título (da série Póstumos) | 2006
Impressão em preto e branco em papel
fotográfico fosco adesivado em PVC

Jarbas Lopes
Cicloviaérea | 2003
Intervenção nas proximidades do MAP

Território 6:
CICLOVIAÉREA

André Burian
Cao Guimarães
Jarbas Lopes

Adotando a prática das derivas urbanas – um modo de se movimentar pela cidade sem se deixar guiar pelo roteiro preestabelecido da finalidade funcional, mas sim pelos estímulos inesperados do terreno – o sexto território é o lugar privilegiado da prospecção, de pensar e agenciar propostas de distintos modelos de cidade, modelos que abandonam o paradigma moderno da tecnociência e abraçam outras formas de vida urbana por meio daquilo que o artista Jarbas Lopes chamou de "tecnologia do corpo".

CICLOVIAÉREA
"É uma pista suspensa com um pequeno declive em sua extensão que proporcionará uma leve força a favor em seu percurso, facilitando longas distâncias de bicicleta dentro do cotidiano de transações urbanas.
É uma construção futurista para hoje, não precisamos esperar sua construção para percebermos a grande invenção da bicicleta, como utilidade e como desfrute.
Vou ali e volto."

Jarbas Lopes
Cicloviaérea | 2003
Vime trançado sobre bicicleta

Cao Guimarães
O sonho da Casa Própria | 2008
Arquivo Movpeg e vídeo

André Burian
Sem Título | 2000
Acrílica sobre tela

Referências bibliográficas

BERGER, John. **Modos de ver**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

FRANCA, Patrícia; SOUZANETTO, Manfredo. **Acervo espelhado** [Volante da exposição]. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2005.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LOPES, Jarbas; MENDES, André. **Zine Cicloviaérea**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.

MORAIS, Frederico et al. **Áudio-visuais**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1973.

ROGER, Alain. **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE
Marcio Lacerda

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Thaïs Velloso Cougo Pimentel

DIRETORIA DE POLÍTICAS MUSEOLÓGICAS
Silvana Cóser

MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA
Tereza Bruzzi de Carvalho

CURADORIA
Renata Marquez

COORDENAÇÃO DE ARTES VISUAIS
Rute Assis

MUSEOLOGIA
Ana Paula Portugal

CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
Luciana Bonadio
Natercia Pons

PESQUISA E LEVANTAMENTO DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICO
Ana Karina Bernardes
Celeste Fontana

AÇÃO EDUCATIVA
Fernanda Mazieiro
Carolina Santana(estagiária)
Myrla Cássia(estagiária)
Ronilson Otávio(estagiário)

DESIGN GRÁFICO
Brígida Campbell

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Jefferson Carlindo

FOTOGRAFIA
Eduardo Eckenfels (fotos do acervo)
Rodrigo Zeferino (fotos da exposição)

REVISÃO
Beto Arreguy

ADMINISTRATIVO
Natália Barreto
Ivaniza Romaneli

SECRETÁRIA
Gavone Mercês

EQUIPE DE MONTAGEM
Antônio Jacinto
Elvis Carlos Teodoro
José de Castro

MOTORISTA
João Marinho de Souza

Associação Dos Amigos do Museu de Arte da Pampulha

PRESIDENTE
Carlos Perktold

SUPERINTENDENTE
Vinícius Vidigal

ACOMPANHAMENTO CONTÁBIL
Rosymere Costa

APOIO AO ADMINISTRATIVO
Daniel Gomes Pereira

DIRETOR PRESIDENTE DA USIMINAS
Wilson Nélio Brumer

VICE PRESIDENTE DE RECURSOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL
Vanderlei Raffi Schiller

DIRETOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS DA USIMINAS
Eduardo Lery

Instituto Cultural Usiminas

DIRETORA EXECUTIVA
Mariana Martins

COORDENADORA DOS ESPAÇOS CULTURAIS USIMINAS
Penélope Rocha Portugal

PRODUÇÃO
Bianca Torres dos Santos
Érico Batista Lima
Fabiano Ferreira Barbosa
Nildon Santos Pavão
Warlisson Rodrigues Lino da Silva

AÇÃO EDUCATIVA
Cirlene Martins de Almeida
Elder Miranda de Castro
Taisy Cristiny Santos Paiva Silva

MEDIADORES
Alessandra Barcelos Menezes
Áurea Rodrigues de Almeida
Elvis Henrique Costa
Fernanda Caroline Campos Alves
Jordana Caroline Marques Carneiro
Kênia Mara Fagundes Pinto
Tiago Henrique de Souza Marcelino
Vanessa Alves da Silva

COMUNICAÇÃO
Paula Bitar Silva

FINANCEIRO
Catiara Oliveira Mello Afonso
Alessandro Carvalho Mazzoco

PROGRAMAÇÃO
Luciana Sudaria Profiro

EXECUÇÃO DO PROJETO DE MONTAGEM
Elder Miranda de Castro

EQUIPE DE MONTAGEM
Damião Pereira da Silva
Jesus Leonardo dos Reis
Mauricio Rodrigues Ribeiro

BILHETERIA
Creuza da Conceição Correia
Lorena Martins Bastos

CHEFE DE PALCO
Jorge Horta da Silveira

EQUIPE TÉCNICA
Anderson Andrade Freitas
Anderson Simões Marques
Felipe Marques Damasceno
Geizismar Martins de Almeida
Luiz Pereira de Souza
Marciney Martins de Oliveira
Otaviano Assis Mendes
Paulo Sérgio de Jesus

SECRETÁRIA
Riceli Zanotti Barros

RECURSOS HUMANOS
Patricia Zanotti Pena

MOTORISTA
Gustavo de Abreu Machado

Patrocínio Apoio Realização